

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

FOLK-LORE LANHOZENSE

288

Dobaixo da oliveira
 Nem chove nem fazorvalho,
 Meninha se quer ser minha,
 Não me deia mais trabalho.

289

Não consures eu querer-to
 Torna culpa aos teus aragdos,
 Quando eu deixar dever-te
 Deixareide ter cuidados.

290

Pensamento não me lembres
 Quem eu agora não vejo,
 Ou me tira do sentido
 Ou me cumpre o desejo.

291

Não ha setta mais aguda
 Nem penas mais penetrantes
 Do que são as saudades
 Entre dous firmes amantes.

292

Menina dos olhos pretos
 Cabello da mesma côr
 Diga a seu pae que a caso
 Que eu serei o seu amor.

293

Eu sou abrigo do pranto
 E o espelho da verdade
 Para ti isrvo de aceno
 Dando provas d'amisadc.

294

Quem tiver dous corações
 Dê-me um que bem no emproga
 Que eu tinha um só e deio
 A quem agora m'õ nega.

295

Ha tres dias que não como
 Senão lagrimas com pão,
 Isto são os alimentos
 Que os meus amores me dão.

296

O sol prometeu a lua
 Uma fita de mil cores,
 Quando a lua promette
 Que fará quem tem amores.

297

Se eu tivesse a liberdade
 Que tem o panno de linho

Andava n'esse tou peito
 Servindo do collarinho.

298

Depois que certã morena
 Me deixou de querer bem
 Não quero que alguém me queira,
 Não quero querer ninguem.

299

O crime que eu commetti
 Fui muito punido já
 Castigou-me o teu desproso
 Maior castigo não ha.

300

Os olhos do meu amor
 São duas bichinhas vivas,
 Entram no meu coração
 Mordem e não fazem ferida.

301

O inferno não se fez
 Para produzir espigas,
 Fez-se p'ra aquelles ingratos
 Que enganam as raparigas.

302

O meu coração queria
 Das duas que ali vão
 Mas a mais velha tom dono
 A mais nova não m'a dão.

303

Tu amas quem te aborrece
 Despresas quem honras tem
 E's inconstante e ingrata
 P'ra aquelle que te quer bem.

304

O cravo caiu do ceu
 Quebrou o pé ficou coxo,
 A rosa com sentimento
 Toda se vestiu de roxo.

305

O cravo tem vinte folhas
 Eu bem sei quem lh'as contou,
 Se alguma causa me queres
 Falla-me que eu aqui estou.

306

Queria que me dissessem
 Onde è que a paixão augmenta:
 Se no coração de quem fica
 Se na alma de quem se ausenta.

307

N'esta carta deposito
 Lagrimas que tanto choro
 Por não ver n'oste momento

Um bem que tanto adoro.
308

As telhas do teu telhado
As rosas do teu balcão
E' que to podem contar
Se te quero bem ou não.

309
Recebe o meu coração
Recebe-o que elle é perfeito,
E' leal e é constante
Merece ir para o teu peito.

310
Foste-me trocar por outro
Olha o que fosto fazer
Considera meu amor
Que te has-de arrepender.

311
Tu cuidas que por me rir
Que já me tinhas na mão?
Eu não sou tão rabaceira
Que coma a fructa do chão.

312
Ingrata, falsa, traidera,
Já te não poss over mais
Já que tão ingrata foste
Ao mais firme dos mortaes.

313
Eu fui ao teu coração
Bem pudera la eu ir
Achave correu, dou volta,
Não pôde de lá sair

314
Não ha tintas pelas loges
Nem papel pelos conventos,
Nem ave que tome as penas
Que te escreve o sentimento.

315
Ingrato, permita o cen
Que eu inda te chegue a ver
No açougue como os bois
Aos arrateis a vender.

316
Meu amor casa commigo
Não tenhas medo á fome
Que meu pae tem uma quinta
Que sustenta quem não come.

317
Vivo pesadoso e triste
Suspirando dando ais
Porque não sei meu amor,
Se por outro me trocaes.

318
Queres saber se te amo
Repara meus olhos bom,
Porque os olhos são signaes
Da dôr que o coração tem.

MISCELLANEA TCLK-LORICA

(Continuada do n.º 17)

D'ouro e prata te ha-do vestir.
—Eu dou o seu ouro ao demo,
Tambem dou os seus damascos,
Pois se tenho o meu pae vivo,
Para que quero eu padraсто?
As manguinhas da camisa
Não as chegue eu a ror per,
Quando meu pae vier da missa
Eu lhe heide ir dizer.
Palavras não eram ditas,
O pae que á porta chegava:
—O que é isso, ó Julianna,
Que estás tão apaixonada?
—Estando eu no meu tear,
Tecendo ouro e tela,
Veio o conde d'Alemanha
Trez fios me quebrou d'ella.
—Doixa-te d'isso, Julianna,
Que isso seria brincar,
Tu és nova, elle é novo,
Isso seria zombar.
—Eu não gosto de tal brinca,
Nem de tal zombaria,
Porque o conde me levou
A' cama onde eu dormia.
—Cavalleiro que tal faz
Merece ir a enforcar.
—P'ra maior vingança minha
Mande-o, meu pae, degolar.
—O' que sinos são aquelles
Que eu oiço a dobrar?
—E' o conde d'Alemanha,
Que já lá vae enterrar.
—Mal o haja Julianna,
Mais o leite que a alimentou,
A morte d'um tão bom conde
Julianna é que a causou.
—Calle-se, ó minha mãe,
Calle-se com cortezia,
Que a morte que o conde leva
Vossa mercê é que a merecia.
—Mal o haja minha filha,
Mais o leite que mamou,
Que a separação de mim e do conde
Julianna é que a causou.
—Calle-se, ó minha mãe,
Calle-se por seu bel estar,
Que a morte que o conde levou
Não lh'a faça eu levar.
—O' que razões são essas,
Entre a mãe e entre a filha?
—Quebrou-se-me um fio d'ouro,
End'reital-o não pedia.

(Recolhido em Elvas, pelo sr.
Manoel Coimbra.)

XXXI

Padre Nosso pequeni-
no (sic)

Padre nosso pequenino,
Quando Deus era menino,
Andava por esses mares,
Visitando os seus altars,
Encontrou a Magdalena,
Com seis varas de rigor,
Par'alimpar o Senhor;
—Tato, tato, Magdalena,
Não me queiras alimpar,
Que estas são as cinco chagas
Que por ti hão de passar,
E tenho aqui uma toalha
Pr'ás tuas lagrimas alimpar.
—Peço ó meu divino Senhor
Não me alimpe as minhas lágrimas
Choradas com tantas penas,
Com tantas penas choradas.
Peço ó meu divino Senhor
Que as deixe seccas em meu rosto,
Dentro do meu coração.
—Magdalena arrependida,
Seccas te ficarão,
No rosto e no coração.
Tu te irás a confessar,
Eu te darei gloria d'entendimento
Para que possas receber
O Santissimo Sacramento.
—Peço ó meu divino Senhor
Por caminho da minha culpa
Eu seja encaminhada.
—P'lo caminho das montanhas
Serás guardada,
Por um anjo do ceu
Acompanhada,
Irás ter a egreja
Da cruz do meu Calvario,
Que lá has-de achar
Um confessor,
Sentado no confessionario,
O's pés d'elle t'ajoelharás,
Signal da cruz lhe farás,
Salve Rainha pequenina dirás:
—Salve Rainha pequenina,
Rosa sem espinhos,
Cravo do amor,
Aqui sou mandada
Por Nosso Senhor,
A confessar-me,
O Senhor me dá gloria

De entendimento,
P'ra que possa receber
O Santissimo Sacramento.—
O confessor lhe disse:
—Levanta-te, Magdalena,
Que' stá feita a tua confissão,
N'esta hora te vou dar
A sagrada communhão,
Estão a descer dois anjos do ceu
A buscar-te em procissão,
Depois que a communhão lhe deu,
E a benção lho deitou,
Se anomeou:
Em corpo e em vida,
Santa Magdalena
Pr'ó ceu vae subida.

(Aldeia de S. Vicente)

XXXII

(Romance)

O pobresinho

Indo o lavrador do arado
P'ra casa no seu carrinho,
Encontrou um pobresinho.
O pobresinho lhe disse:
—Deixe-me ir n'esse carrinho.
Apeou-se o lavrador,
E subiu o pobresinho.
Levou-o p'ra sua casa,
P'r'á melhor sala que tinha;
Mandou-lhe fazer a ceia
Dos melhores manjares que havia,
A ceia já estava feita
E o pobresinho não comia;
Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha;
A cama já era feita
E o pobre não dormia;
Era meia noite em ponto
E o pobresinho gemia;
Levantou-se o lavrador
P'ra ver o pobre tinha,
Achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.
—Se eu soubera quem vós ereis
Outro agasalho vos dera,
Dera-vos sala de prata
Forrada de primavera.

(Recolhido em Elvas, pelo sr. José
Joaquim Ferreira)

XXXIII

(Romance)

O Natal

Lá na noite de natal,

Noite de tanta alegria,
 Caminhava S. José,
 Mais a Virgem Maria.
 Caminhavam p'ra Bolem,
 P'ra lá chegarem de dia.
 Quando elles lá chegaram
 Já meia noite sorria,
 S. José foi buscar lume,
 Pr'aquocer a Virgem Maria.
 Quando S. José chegou
 Já Jesus era nascido,
 Nasceu n'uns pobres portaes,
 Que nem uns paninhos tinha.
 Ella lançou mãos á cabeça
 A uma touquinha que trazia,
 E fel-a em quatro pedaços,
 E o menino Deus cobria.
 Veio um anjo lá do ceu,
 Lindos paninhos lhe trazia,
 Uns bordados a ouro,
 Outros a cambráia fina.
 Que mandava o Pae Eterno,
 Para a Virgem Maria.
 Foi o anjo para o cou,
 Cantando a Ave Maria,
 Lá no ceu lhe perguntavam,
 Como ficou Maria.
 — Maria ficou boa,
 Na sua cella recolhida,
 Que lhe a fez S. José,
 Com a sua carpintaria,
 Do mando do Pae Eterno,
 Por ser para a Virgem Maria.—
 Gloria seja a Deus Padre,
 Adeus Filho tambem,
 Gloria seja ao Espirito Santo,
 Para todo o sempre amen.

(Recolhido em Elvas, pelo sr. Manoel Coimbra).

XXXIV

Dona Sylvana

(2.^a versão do romance n.º VI, A
 Infanta castigada)

Indo D. Sylvaninha
 P'lo seu corredor acima,
 Tocando n'una guitarra,
 O' que estrondo não fazia!
 Acordou seu pae na cama,
 Do quarto onde dormia:
 — Que tendes, D. Sylvana,
 O que tendes, filha minha?
 — Todas as filhas que teve
 Estão casadas, teem familia,
 Eu por ser a mais bonita,

Para o canto ficaria.
 — Não tenho com quem te case,
 Pessoa igual á minha,
 Só se for o conde Alberto,
 Mas o conde tem familia.
 — Pois esse mesmo meu pae,
 Esse mesmo é que eu q'ria.
 Mande-o chamar a casa,
 Da sua parte o da minha.—
 Veio conde ao palacio
 Saber o que o Rei queria,
 — Que quer vossa Magestade
 Que quer Vossa Senhoria?—
 — Quero que mates a condessa,
 P'ra casar com minha filha—
 — Como hei-de matar a condessa
 So ella a morte não merecia?
 — Mata-a conde, mata-a conde,
 Senão eu tiro-te a vida,
 Traz-me a cabeça d'ella
 N'esta real bacia.—
 Foi o conde p'r'ó paiacio,
 Triste como iria,
 Mandou fechar as janellas,
 Coisa que nunca fazia,
 Mandou tirar o jantar,
 Ao pino do meio dia;
 Mas que tristeza era aquella,
 Que nem um nem outro comia.
 — Que tendes, ó conde Alberto,
 Que tendes, ó vida minha.
 Contai-me as vossas tristezas,
 Que eu vos conto maravilhas.—
 Manda El-rei que vos mate,
 P'ra casar com sua filha.—
 — Mama, mama, meu menino,
 Este leite d'amargura,
 Que amanhã por esta hora
 Teus a mãe na sepultura.
 Mama, mama, meu menino,
 Este leite de tristeza,
 Que amanhã por esta hora
 Serás filho da princeza.—
 — Tocam os sinos na côrte,
 Ai Jesus! quem morreria?—
 Morreu D. Sylvana,
 Da morte que ella mor'cia,
 Que desmanchar bom casados
 E' coisa que Deus não q'ria.

(Recolhido em Elvas pelo sr. Manoel Coimbra).

XXXV

Padre nosso pequenino

(a) Padre nosso pequenino,
 Quando Deus era menino